

**TOTALITARISMO E LITERATURA: A DISTOPIA DE GEORGE  
ORWELL EM 1984. LONDRINA, 2010. \***  
**TOTALITARIANISM AND LITERATURE: THE DYSTOPIA OF GEORGE ORWELL IN 1984.  
2010.**

*Luana Rafaela de Alcantara \*\**

*Prof. Dr. Rogério Ivano \*\*\**

**RESUMO:**

O presente trabalho pretende demonstrar discussões existentes entre totalitarismo e representação literária, neste caso o romance de George Orwell, *1984*. Com base nos estudos de Hannah Arendt sobre o tema, a análise decorre chegando-se a conclusão de que o autor estava movido por preceitos ideológicos arraigados, por suas experiências pessoais no pós-Segunda Guerra Mundial, e no eminente estado de Guerra Fria que decorreria em seguida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Totalitarismo, literatura, distopia, *1984*.

**ABSTRACT:**

This paper aims to show discussions between totalitarianism and literary representation, in this case the novel by George Orwell, *1984*. Based on studies of Hannah Arendt on the topic, the analysis takes place coming to the conclusion that the author was motivated by ingrained ideological precepts, by his personal experiences in post-World War II and the Cold War eminent status that would ensue then.

**KEY WORDS:** totalitarianism, literature, dystopia, *1984*.

**INTRODUÇÃO**

A construção do conceito de totalitarismo vem sendo moldada ao longo de todo o século XX. A obra de George Orwell, *1984*, enquadra-se nesta construção, pois projeta o condicionamento do indivíduo e a aniquilação da sua singularidade em favor da manutenção de um sistema de poder autoritário, violento e onipresente, no caso, a antiga União Soviética.

Hannah Arendt (2000) define totalitarismo, como um “conjunto de experiências e condições que possibilitou o surgimento de uma forma de opressão política que, em sua essência, difere de todas as outras”. Dentro desta análise encontramos a atmosfera na qual o autor estava inserido quando da produção da obra, sua percepção acerca da forma de governo que será aqui discutida, e a imagem “construída” sobre o tema apresentado no romance.

O livro, *1984*, ilustra a imagem de um mundo “frio”, marcado pela eliminação da diversidade, onde não existem mais indivíduos, e onde todos são membros do “Partido”. A obra retrata também um possível processo de “evolução” da sociedade soviética, caso esta se mantivesse sob o regime stalinista. George Orwell expõe, na ótica dos controlados, o efeito crescente de instrumentos e técnicas de controle social nas sociedades contemporâneas. É então neste ponto que ocorrerá o desenvolvimento da análise aqui proposta, tendo em vista a ótica do autor e a maneira como ele narra a realidade na qual não estava diretamente inserido, mas que

\* Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de História. Universidade Estadual de Londrina, 2010

\*\*Graduada em licenciatura plena em história pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) 2010

\*\*\*Prof. Dr. Rogério Ivano graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina (1993), mestrado (2000) e doutorado (2005) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual de Londrina. Tem experiência na área de História, com ênfase em Teoria da História, atuando principalmente nos seguintes temas: historiografia, teoria, literatura e cultura.

havia presenciado, e da qual era um crítico ferrenho.

As dimensões epistemológica e ideológica, correspondendo a primeira ao desejo do escritor de registrar e dar a conhecer eventos como eles são e a segunda necessidade de o autor assumir uma determinada atitude política que inevitavelmente implica um posicionamento ideológico perante o conteúdo do que escreve e a forma como escreve (MARTINS, 2004, p. 1-9).

Tendo como pressuposto a afirmação de Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira (1998), de que “para historiadores a literatura é, enfim, *testemunho histórico*”, ou seja, de que a literatura é uma fonte histórica, o livro *1984* será o principal objeto de análise utilizado como forma de representação de um governo totalitário, compreendido aqui pelo modelo discutido por Hannah Arendt.

Dentro destas perspectivas anteriormente citadas é que o trabalho se propõe então a compreender as *relações teóricas* entre literatura e história, realidade e ideologia. Essas relações serão aqui ilustradas pela obra em questão, que se caracteriza como romance *distópico*, termo este que é compreendido como sendo o inverso da utopia, sua negação, partindo do princípio de que estruturas sociais cientificamente moldadas estariam fadadas a sistemas opressores e de alienação (cf. PINTO, 2003, p. 15 – 16).

Uma vez que Orwell aborda em sua obra não somente o sistema totalitário, mas as classes sociais, os valores e desejos, medos e angústias, a falta de perspectiva com o presente, este trabalho se apropriará da metodologia da história cultural, optando assim pela proposta de Roger Chartier, para quem:

As técnicas mudam e, com ela, os protagonistas da fabricação do livro, mas permanece o fato de que o texto do autor não pode chegar a seu leitor senão quando as muitas decisões e operações lhe deram forma de livro. Não dá pra esquecer isto ao lê-lo (CHARTIER, 2001, p. X).

Chartier leva em consideração as diversas maneiras de se praticar a leitura. Algumas diferenças se mostram pertinentes às discussões propostas neste trabalho, pois compreendem as três modalidades que regulamentam as variantes de utilização, compreensão e apropriação dos textos, e ajudam a compreender as leituras e leitores em suas diferenças.

Partindo da pergunta “o que há de histórico em 1984?”, este trabalho visa compreender como a obra em questão ajudou a consolidar uma idéia de totalitarismo e, conseqüentemente, uma imagem da URSS stalinista.

Na verdade, porém (ele filosofou, enquanto reajustava as cifras do Ministério da Fatura), não chegava à falsificação. Era apenas substituição de uma sandice por outra. A maior parte do material tratado não tinha relação alguma com coisas reais, nem mesmo o tipo de ligação que se contém numa mentira declarada (ORWELL, 1991, p. 42).

Com relação ao período de incontestado domínio de Stálin, de 1929 em diante, o arquivo de Smolensk tende a confirmar o que já sabíamos antes através de fontes menos irrefutáveis. Isso se aplica até, a algumas de suas

estranhas lacunas, especialmente quanto a dados estatísticos. Pois essa falta de dados prova apenas, neste ponto como em outros, que o regime de Stálin era cruelmente coerente: eram tratados como mentiras todos os fatos que não concordassem, ou pudessem discordar, com a ficção oficial, fossem dados sobre as colheitas de trigo, a criminalidade ou as reais ocorrências de atividades “contra-revolucionárias” (ARENDDT,2000, p. 345).

Mateus Yuri Ribeiro da Silva (2007) diz que a maior parte da literatura distópica está inserida no gênero da ficção científica – que, de acordo com o *American Heritage Dictionary of the English Language*, é a “ficção na qual, invenções ou descobertas científicas constituem um elemento do enredo ou do contexto; em especial, um trabalho de ficção baseado na previsão de possibilidades científicas futuras” (HUBBARD, 2001, p. 10 apud SILVA, 2007, p. 3).

*1984* tem como pressuposto a idéia de que a espécie humana será arruinada, de modo irreversível. O grau de ruína, o enfoque e as verdades científicas envolvidas no processo que George Orwell observava de maneira subjetiva, fazendo previsões que apontavam para uma ameaça em potencial à organização social vigente: para Orwell, os governos totalitários.

O modo de lidar com os oponentes era a “retificação do pensamento”, um complicado processo de constante moldagem e remoldagem dos espíritos, ao qual aparentemente quase toda a população estava sujeita. Nunca soubemos muito bem como isso funcionava na vida de cada dia e quem era isento — isto é, quem procedia à “remoldagem” dos outros —, e não tínhamos a menor idéia dos resultados da “lavagem cerebral”, se era duradoura e se realmente produzia mudanças de personalidade (ARENDDT, 2000, p. 341)

115

Adriana alves Paula Martins (2004) diz que a obsessão e a instabilidade estão, por sua vez, na estreita dependência da indiferença em relação à realidade. O poder que impede a diferença permite que as maiores atrocidades sejam cometidas em nome de causas nacionalistas, radicando tal sentimento na crença dos nacionalistas de que o passado pode e deve ser alterado quando necessário. A máquina de propaganda nacionalista é suportada, dessa forma, pela empresa da mentira organizada, referida por Orwell em vários trechos do livro *1984*. A indiferença dos nacionalistas em relação à realidade denota a fragilidade da sua condição de artefato de representação do real e a sua manipulação em função da ignorância de muitos dos seus seguidores (MARTINS, 2004, p.1-9).

Winston debateu consigo mesmo se devia ou não conferir ao Camarada Ogilvy a Ordem do Mérito Evidente (...). O Camarada Ogilvy, inexistente uma hora atrás, era agora um fato. Pareceu-lhe curioso ter a faculdade de criar homens mortos, mas não vivos. O Camarada Ogilvy, que jamais existira no presente, agora existia no passado, e existia com a mesma autenticidade, e as mesmas provas, que Carlos Magno ou Júlio César (ORWELL, 1991, p. 48).

Anderson Soares Gomes (2008) lembra-nos de que uma série de críticos que considera *1984*, escrito em 1949, uma previsão falha, já que muito do que foi narrado por Orwell não ocorreu e sua possibilidade de concretização, remota. Contudo, essa visão de *1984* como um advento do

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

que viria, um mero livro de predições, é bastante reducionista, porque nega ao romance tanto o seu caráter de narrativa distópica, quanto a crítica nele embutida. Está na natureza dos romances distópicos uma “crítica às condições sociais e aos sistemas políticos” e o caráter anti-utópico, ou seja, alertar para os riscos e as falhas na construção de sociedades perfeitamente planejadas e seus terríveis efeitos sobre o indivíduo. Para a consolidação de uma crítica aos modelos utópicos, as distopias utilizam o recurso da “desfamiliarização”. “Ao focar suas críticas sociais sobre distantes cenários, as ficções distópicas fornecem perspectivas acuradas sobre problemáticas sociais que, de outra forma, poderiam ser vistas como naturais e inevitáveis.” (BOOKER, 1994, p. 15 apud GOMES, 2004, p. 96-104).

Marco Scott Teixeira (2004) descreve George Orwell como um escritor de uma sinceridade incontestável, que testemunhou e viveu pessoalmente tudo que retratou em sua obra. Morreu em 1950, aos 47 anos. Crítico violento do totalitarismo de todos os tipos, da exploração das massas trabalhadoras, do imperialismo e do colonialismo, pretendeu manter sobretudo um espírito independente e profundamente ligado à realidade vivida, no que foi coerente até a morte.

Este trabalho então se predispõe a compreender a noção de totalitarismo no livro *1984*, estabelecendo uma conexão entre as discussões de Hannah Arendt sobre as formas de governo totalitário, sobretudo o soviético, analisando a obra de George Orwell e sua percepção sobre o tema. Antonio Ozaí da Silva diz que:

George Orwell simboliza os dilemas vivenciados pelo intelectual que se engaja nas lutas sociais adotando uma perspectiva ideológica de esquerda: silenciar ou correr o risco de ser utilizado enquanto arma teórica contra as idéias igualitárias de esquerda. (SILVA, 2003, p. 2)

116

De acordo com Andréa Coutinho (2008), na literatura a ficção científica demonstra sua proximidade com todas as questões que desvelam um mundo ora real ora ficcional, assim como os paradoxos do tempo e do espaço e a explosão das imagens por meio das novas tecnologias. Apresenta o virtual que se transforma em real e a realidade em irrealidade, confundindo “fronteiras” antes tão perceptíveis. Embora ainda com uma posição “marginal, a ficção científica reunia, e reúne em si, essas duas vertentes opostas: a ficção associada ao não verdadeiro, e a ciência centrada na verdade” (COUTINHO, 2008, p. 2).

O fato do romance distópico se caracterizar como este “não lugar”, nos utilizaremos destas percepções citadas anteriormente para caracterizá-lo, pois ao tratar-se de uma “previsão” nefasta e mecanicista da realidade a qual o ser humano estaria fadado, teremos na ficção científica apoio retórico para a discussão deste tema. Encontramos esta discussão em livros como *A Revolução dos Bichos*, do próprio George Orwell e em *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, que tem em sua temática a função inversa do papel do bombeiro, utilizada em seu romance para atear fogo (ao invés de apagá-lo), em prol principalmente de extinguir os livros que pudessem de algum modo influenciar as pessoas.

[...] Era um prazer muito especial ver as coisas arderem, vê-las calcinar-se e mudar.

Punho de cobre na mão, armado desse imenso *pítton* que cuspi o veneno da sua gasolina sobre o mundo, sentia o sangue bater-lhe nas têmporas e as suas mãos tornavam-se as mãos de uma espécie de maestro prodigioso dirigindo todas as sinfonias do fogo e do incêndio, ao ritmo das quais se desmoronavam aos farrapos as ruínas carbonizadas da história (BRADBURY, 2003, p. 7).

José D' Assunção Barros (2005), citando Chartier, diz que as representações inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”; em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações” (CHARTIER, 1990, p.17 apud BARROS, 2005, p.139). E estas lutas geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. O modelo cultural de Chartier é claramente atravessado pela noção de “poder”, o que, de certa forma, faz dele também um modelo de História Política (BARROS, 2005, p.139).

Essa abordagem metodológica tem por objetivo averiguar as impressões e as possíveis concepções criadas pela fonte literária em questão, o livro *1984*.

Tendo como fim único demonstrar o viés entre as representações de um estado totalitário e sua real condição de existência, veremos a apresentação do tema pela perspectiva de Hannah Arendt e a construção de uma imagem do totalitarismo feita por George Orwell.

## TOTALITARISMO - O CONCEITO ARENDTIANO

A historiografia política que discute o totalitarismo tem como seu principal expoente as obras de Hannah Arendt, particularmente “*Origens do Totalitarismo*”, escrito em 1951 e depois reeditado e lançado em 1958. À obra estabeleceu uma discussão mais sistemática sobre os governos considerados totalitários, nos quais Hannah Arendt identificou uma manipulação das massas e uma apropriação do Estado, de forma a manter o controle total sobre estas.

Hannah Arendt, nascida em Hanôver em 14 de outubro de 1906 e falecida em Nova Iorque em 4 de dezembro de 1975, dedicou-se a analisar o totalitarismo em suas diversas vertentes, estudando diferentes formas de governo que tinham como pressupostos políticos a dominação e o controle das massas por intermédio de suas máquinas de propaganda política e da opressão declarada.

Era, pelo menos, o primeiro momento em que se podia elaborar e articular as perguntas com as quais a minha geração havia sido obrigada a viver a maior parte da sua vida adulta: *O que havia acontecido? Por que havia acontecido?* É muito perturbador o fato de o regime totalitário, malgrado o seu caráter evidentemente criminoso, contar com o apoio das massas (ARENDDT, 2000, p. 337).

O termo totalitarismo, ou Estado Totalitário, de acordo com dicionário político de Norberto Bobbio (1998), começou a ser utilizado por volta da metade da década de 1920 como expressão ligada ao “Fascismo” Italiano, para depois designar todas as ditaduras monopartidárias, abrangendo tanto fascistas quanto comunistas.

Segundo Hannah Arendt, o totalitarismo era uma forma de domínio radicalmente nova porque não se limitava a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tendia a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu (BOBBIO, 1998, p. 1248).

Paulo César Nascimento avalia a obra *Origens do Totalitarismo* como um dos estudos mais profundos e ricos sobre o tema, desafiando o tempo e mantendo toda a sua relevância. Hannah Arendt, de acordo com ele, não se limitou a buscar as origens do totalitarismo – pois as discussões remetem às implicações políticas e filosóficas, com apontamentos sobre o fenômeno totalitário, e também o surgimento de uma “nova” forma de governo, que seria então totalmente desconhecida da tradição da teoria política ocidental (NASCIMENTO, 1989, p. 118-120).

Lidiane Carneiro e Rosa Lydia Teixeira Corrêa dizem que quando falamos do totalitarismo, estamos nos referindo àqueles partidos que apresentam um traço característico comum, a saber, a autoridade suprema de um líder que apresenta poderes de “divindade”. Seu pensamento é tido como redentor; incorpora simbologias que vão desde signos e uniformes, palavras de guerra até rituais realizados pelos membros do partido e estendidos à população em concentrações coletivas, onde são realizados pomposos discursos em enaltecimento à nação e à moral dos indivíduos que a compõem. Sua imagem é também disseminada por meio de forte propaganda quando da utilização de meios de comunicação para a educação das massas (CARNEIRO e CORRÊA, 2008, p.153).

Nerione Nunes Cardoso Jr. descreve uma concepção arendtiana de totalitarismo como uma forma de governo que se distingue da tirania e da ditadura por almejar a politização completa de todas as dimensões da vida humana: num aparente paradoxo, a hipertrofia da esfera política destruiria as esferas públicas e privadas da sociedade, aniquilando a espontaneidade e a capacidade de iniciativa dos indivíduos por meio do terror imposto pelo domínio político-policial (CARDOSO JR., 2003, p. 291).

Esse entendimento sobre o tema desenvolve-se de maneira não só ligada aos governos totalitários, citados por Arendt, mas também sobre toda e qualquer forma de manipulação das massas, que poderiam ou não ocorrer em Estados em que esta forma de política não fosse necessariamente declarada.

118

Obviamente, o fim da guerra em 1945 não trouxe o fim do governo totalitário na Rússia. Pelo contrário, foi seguido pela bolchevização da Europa oriental, ou seja, pela expansão do regime totalitário, e a paz nada mais era que uma oportunidade de analisar as semelhanças e diferenças nos métodos e instituições dos dois regimes totalitários. Decisivo nesse sentido não foi o fim da guerra, mas a morte de Stálin, oito anos depois (ARENDRT, 2000, p. 339).

Ao estudarmos as noções de política em Hannah Arendt, percebemos que a ideologia totalitarista se opõe à concepção de política a qual a autora defende, ou seja, as noções de liberdade, diálogo não-violento e isonomia. Um princípio básico de igualdade perante a lei.

Arendt apresenta o governo totalitário sistematizado dentro de uma máquina de manipulação política, através da qual este é capaz de criar uma idéia coerente do mundo, retirando generalizações, e substituindo a realidade pela ficção, com o único intuito de criar um mundo ordenado e organizado para a população. Neste caso, o propósito da propaganda totalitária não residiria na persuasão e sim na organização das massas, que de acordo com ela, criaria e manteria sobre a população uma sempre presente ameaça mundial (no caso do totalitarismo stalinista, a conspiração capitalista para derrotar a revolução socialista; no caso do totalitarismo nazista, a conspiração judaica, para dominar o mundo) (ARENDRT, 2000, p. 409-411).

O que importa, naturalmente, não é que a China comunista seja diferente da Rússia comunista, como não importava que a Rússia de Stálin fosse diferente

da Alemanha de Hitler. A embriaguez e a incompetência, tão comuns em qualquer descrição da Rússia dos anos 20 e 30 e tão comuns ainda hoje, não representaram qualquer papel importante na Alemanha nazista, enquanto a indescritível crueldade gratuita dos campos de concentração e de extermínio alemães parece ter estado geralmente ausente dos campos russos, onde os prisioneiros morriam de abandono e não de tortura. A corrupção, que foi desde o início a maldição da administração russa, esteve também presente nos últimos anos do regime nazista, mas parece estar completamente ausente da China após a revolução (ARENDR, 2000, p. 342).

A autora ainda reitera que uma das dificuldades da literatura sobre o totalitarismo é que algumas tentativas são consideradas por ela prematuras por parte de contemporâneos de escrever a sua “história, e que, segundo as regras acadêmicas deveriam ter como pressuposto fontes impecáveis de documentação. A exemplo da biografia de Hitler por Konrad Heiden e a biografia de Stálin por Boris Souvarine, ambas escritas e publicadas nos anos 30, de acordo com ela, são em alguns aspectos mais precisas e em quase todos os aspectos mais relevantes que as biografias clássicas de Alan Bullock e Isaac Deutscher, respectivamente. Arendt acredita existirem diversas razões para isso, e neste caso ela avalia a postura adotada por diversos desertores e relatos de outras testemunhas que presenciaram tais eventos (ARENDR, 2000, p. 343).

Podemos dizer um tanto drasticamente: não foi preciso o discurso secreto de Nikita Khrushchev<sup>4</sup> para que soubéssemos que Stálin havia cometido crimes, nem que esse homem, que se supunha “loucamente desconfiado”, havia decidido confiar em Hitler (ARENDR, 2000, p. 343).

119

Enfim, Arendt (2000) diz que nada caracteriza melhor os movimentos totalitários em geral — e principalmente a fama de que desfrutaram os seus líderes — do que a surpreendente facilidade com que são substituídos. Stálin conseguiu legitimar-se como herdeiro político de Lênin à custa de amargas lutas intrapartidárias e de vastas concessões à memória do antecessor. Já os sucessores de Stálin procuraram substituí-lo sem tais condescendências, embora ele houvesse permanecido no poder por trinta anos e dispusesse de uma máquina de propaganda, desconhecida ao tempo de Lênin, para imortalizar o seu nome.

[...] movimentos totalitários, que precedem a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é invariavelmente tão franca quanto mentirosa, e os governantes totalitários em potencial geralmente iniciam suas carreiras vangloriando-se de crimes passados e planejando cuidadosamente os seus crimes futuros (ARENDR, 2000, p. 356).

Maria Gorete Araújo Melo diz que Arendt, ao restringir o totalitarismo à experiência nazista e stalinista, lançou os comunistas não para onde eles mais temiam ir, isto é, para o rol dos regimes fascistas, mas lançou-os para o seletíssimo rol dos regimes totalitários. Como os nazistas estavam liquidados, pareceu aos comunistas que o conceito de totalitarismo fora feito por encomenda para atingi-los. Foi sempre incômodo aos comunistas a comparação de Hitler a Stálin, ou a comparação do fascismo ao comunismo. Os comunistas nunca entenderam por que os conservadores liberais insistiam tanto em criticar o que eram apenas excessos do comunismo.

<sup>4</sup>Secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) entre 1953 e 1964, após a morte Stálin.

Enfim, nenhum conceito de totalitarismo causou tanta aversão à esquerda quanto o conceito elaborado por Arendt na sua análise das formas totalitárias (MELO, 2003, p. 5).

Arendt acredita que o terror é a realização da lei do movimento, e que seu principal objetivo seria tornar possível, à força da natureza ou da história, propagar-se livremente. Neste caso, o movimento selecionaria os inimigos da humanidade contra os quais se desencadearia o terror, não podendo permitir que qualquer ação livre, de oposição ou de simpatia, interfira na eliminação do “inimigo objetivo” da História ou da Natureza, da classe ou da raça. Assim, vemos através de suas análises que a culpa e a inocência viraram conceitos vazios; “culpado” seria aquele que estorva o caminho do processo natural ou histórico que já emitiu julgamento quanto às “raças ditas inferiores”, aqueles que são “indignos de viver”, tanto quanto às “classes agonizantes e povos decadentes” (ARENDRT, 2000, p. 576).

Nádia Souki, no entanto, interpreta a liberdade em Arendt como algo que não comportava tão somente a noção filosófica de ir e vir, ou de agir conforme a sua própria vontade. Esta liberdade interior é somente buscada no momento em que o indivíduo perde a liberdade dentro do espaço público, quando deixa de ter contato com seus pares. É um refúgio intocado e seguro do ser. A liberdade arendtiana também tinha uma dimensão muito maior, o campo político. Não há nenhuma possibilidade de se conceber política sem liberdade (SOUKI, 2001, p. 108).

Assim, percebemos a complexidade envolvida nas formas dos governos totalitários identificados por ela, algo que vai além da opressão declarada. A corrupção envolvida nos jogos políticos dentro desses Estados, além de subjugar suas populações, mantinham sob controle uma máquina estatal capaz de promover sua auto-manutenção.

#### GEORGE ORWELL E O 1984

120

George Orwell (nascido Eric Blair em 1903), de acordo com Vieira e Silva (2009), é um autor bem contemporâneo. Embora seja perceptível em sua vastíssima obra a influência de contextos históricos definidos e datáveis, ainda sim, permanece atual o seu olhar crítico sobre o cinismo da cena política e a forma inteligente como lidou com a questão da liberdade, expondo a estupidez de todo o tipo de submissão. É esse olhar crítico e denunciador que informa a perspectiva que hoje apelidamos de “orwelliana”.

Era terrivelmente perigoso deixar os pensamentos vaguearem num lugar público, ou no campo de visão duma teletela. A menor coisa poderia denunciá-lo. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, o hábito de falar sozinho – tudo que sugerisse anormalidade, ou algo de oculto (ORWELL, 1991, p. 61).

Os autores ainda lembram que, embora se tenha assumido como um escritor político apenas após a sua participação na Guerra Civil Espanhola, a simpatia pela causa dos oprimidos fez-se já sentir nos primeiros romances de Orwell, como em *A Revolução dos Bichos* (1945):

Nenhum animal, na Inglaterra, sabe o que é felicidade ou lazer, após completar um ano de vida. Nenhum animal, na Inglaterra, é livre. A vida de uma animal é feita de miséria e escravidão: essa é a verdade nua e crua (ORWELL, 2003, p. 10)



Seguindo ainda as considerações de Vieira e Silva (2009), percebemos que a crítica a uma sociedade oprimida e fortemente vigiada pelo poder instituído como solução única para a implantação e a manutenção da ordem social é pertinente para a reflexão e a relevância do pensamento orwelliano.

## O AUTOR

George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nasceu em Bengala na Índia inglesa, em 25 de junho de 1903. Poucas pessoas, mesmo entre aquelas que eram mais próximas, conheciam o seu verdadeiro nome. Era, conforme se definiu, de uma família de baixa alta classe média inglesa (ORWELL, 1986 apud VOGOT, 2007, p. 233). De acordo com Olgário Paulo Vogot, seu pai era funcionário da administração do Império Britânico. Ainda criança, sua família retornou à Inglaterra. Estudou na mais cara, esnobe e aristocrática das *Public Schools* da Inglaterra: a de Eton, no entanto não chegou a cursar Universidade.

Vogot (2007) nos lembra que, em 1922 Orwell regressou à Birmânia, trabalhando durante cinco anos para a Polícia Imperial Indiana. Pediu demissão de seu emprego de policial, conforme relatou em *A caminho de Wigan*, um de seus livros autobiográficos, por odiar o imperialismo ao qual estava servindo<sup>5</sup>. De regresso à Europa, decidiu tornar-se escritor.

No entanto, somente a partir de 1934 que Orwell, passou a viver com o dinheiro que ganhava dos seus escritos. Na Inglaterra, escreveu na imprensa socialista e trabalhou como livreiro, professor e jornalista. Foi então que publicou *Dias na Birmânia*, um romance antiimperialista em que tirou proveito de suas experiências vividas no Oriente. (VOGOT, 2007, p. 233).

De acordo com Marcos Scott Teixeira (2004), em 1936, já socialista confesso, participaria da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), como já foi citado anteriormente, transferindo-se então para a Espanha, no intuito de defender o governo republicano de esquerda da Frente Popular. Na Guerra foi ferido sofrendo assim danos em suas cordas vocais, deixando sua voz ligeiramente alterada. Mais tarde escreveria *Lutando na Espanha*, em que relataria sua experiência frustrante na Guerra Civil Espanhola. A Guerra, ao mesmo tempo em que fortaleceu suas convicções de socialista revolucionário, também o consolidou como anti-stalinista convicto.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell trabalhou como correspondente de guerra para a BBC. Em 1945, publicou *A Revolução dos Bichos*, até hoje sua obra mais popular, e o romance *1984*, publicado em 1949, no qual, de acordo com Vogot (2007), satiriza de maneira pessimista as ameaças da tirania política no futuro.

Morreu em Londres em 21 de janeiro de 1950, de tuberculose e de acordo com as fontes, na miséria (Teixeira, 2010).

## 1984

Este trabalho se utiliza da vigésima segunda edição (22ª ed.) de 1984, publicada em 1991, pela Companhia Editorial Nacional, São Paulo. Atualmente o livro se encontra a disposição pela Cia das Letras, que adquiriu os direitos do livro, e relançou-o como 1ª edição no ano de 2009 com nova tradução<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> “Durante cinco anos, eu tinha feito parte de um sistema opressivo, que me fez ficar com a consciência pesada. (...) Eu tinha consciência da imensa carga de culpa que eu tinha de expiar. Isso pode parecer um exagero, admito; mas qualquer pessoa sentiria o mesmo se, durante cinco anos, fizesse um trabalho o qual desaprovasse totalmente. (...) Eu pensava ser preciso livrar-me, não apenas do imperialismo, mas também de qualquer forma de dominação do homem pelo homem.” (ORWELL, 1986 apud VOGOT, 2007, p. 247).

<sup>6</sup> Tradução de Heloisa Jahn e Alexandre Hubner.

Tendo em vista o que já foi citado no início deste capítulo, lembremo-nos de que o livro *1984* foi escrito por George Orwell em meados de 1949, após várias experiências pessoais, nas quais esteve envolvido, neste caso, como policial na Birmânia, participante da Guerra Civil Espanhola e correspondente da BBC durante a Segunda Guerra Mundial, respectivamente. Acontecimentos que contribuíram para o desenvolvimento das críticas que seriam feitas posteriormente em seus romances, ressaltando neste caso o caráter ideológico e antiimperialista de seus posicionamentos.

Ao investigarmos os paralelos existentes entre a obra e suas inspirações percebemos inúmeras semelhanças, sobretudo com uma perspectiva crítica do regime stalinista. O autor concentra seu enredo em Londres, capital da Inglaterra, que por sua vez faz parte de um “novo” continente, denominado por ele de Oceania.

Com o intuito apenas de localizar o leitor, lembremos através das observações de Bobbio (1998) que, por definição histórica, o governo stalinista foi o período em que o poder se consolida na União Soviética, cuja à frente encontrava-se, como secretário, Josef Stálin. Esta fase da história soviética apresenta características particulares, tanto na política interna como na externa, características que podem ser resumidas na expressão “socialismo num só país”. Sob o ponto de vista da política interna, o aspecto saliente do stalinismo é a luta sem tréguas contra os reais ou supostos inimigos do socialismo, o anti-partido (BOBBIO, 1998, p. 1221).

Norberto Bobbio (1998) ainda ressalta que, com o exílio de seus principais líderes a partir de 1936 (estes, presentes na revolução de 1917, como Trotski, Kamenev, Zinoviev, Bucharin e outros), a velha guarda bolchevique<sup>7</sup> foi sendo gradativamente eliminada. Assim, o partido comunista passou a enfraquecer e a perder sua função central na estrutura estatal da União Soviética, uma vez que os expurgos lhe minaram profundamente a sua estrutura. Conseqüentemente, como o autor ainda enfatiza, a obediência primária foi prestada de forma jamais vista a Stálin, cujas ações e escritos foram considerados novos fundamentos e continuação original da práxis marxista.

Eric Hobsbawn (2004) nos lembra novamente que o termo totalitarismo havia sido inicialmente inventado como uma descrição do fascismo italiano, e era aplicado quase só a esse regime. A partir de 1922, após a ascensão de Stálin, a URSS estava isolada, não podia e nem queria ampliar o comunismo. Os movimentos social-democratas (marxistas) tornaram-se mais forças mantenedoras do Estado que forças subversivas, e não se questionava seu compromisso com a democracia.

O perigo vinha exclusivamente da direita. E essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para o qual o rótulo “fascismo” é ao mesmo tempo insuficiente, mas não inteiramente irrelevante (HOBSBAWN, 2004, p. 116).

Carolina Dantas Figueiredo (2008), em sua análise sobre livros, indústria cultural e distopias, diz que as distopias nascem cada uma em seu tempo, como obras dotadas de aura, escritas por seus autores fora da lógica industrial, ou seja, fora do mercado principal, em outras palavras, a cultura de massa. Assim, as reflexões de seus autores são críticas sobre o mundo, reflexões de senso crítico que deveriam ser apreciadas. A autora ainda ressalta que as ações das obras obedecem a uma ambição maior: desvelar a própria humanidade por meio de personagens e dos sistemas políticos apresentados, buscando assim princípios universais, perenes no tempo.

<sup>7</sup> Bolchevique: indica os seguidores da linha política e organizativa imposta por Lênin ao Partido Operário Social-Democrático da Rússia (P.O.S.D.R.) no congresso de 1903 (BOBBIO, 1998, p. 115).

Carolina (2009) em um outro trabalho sobre o tema, também ressalta que as distopias aparecem como crítica à ordem vigente, com base nos medos e temores, das possíveis guerras atômicas, onde as tecnologias se faziam presentes no intuito de controlar o indivíduo. As distopias, segundo ela, revelam justamente o contrário das utopias, ou seja, estão longe de serem harmônicas, pois os sujeitos envolvidos estariam sempre submetidos a um poder central, totalitário, e com suas liberdades individuais continuamente cerceadas.

Ao analisarmos os governos totalitários sob a perspectiva de Hannah Arendt, encontramos as semelhanças que ligam o livro *1984* a este tema. De acordo com Norberto Bobbio (1998), o que caracteriza e distingue o governo sob a gestão de Stálin é, no que tange a política interna, o culto à personalidade do líder e o emprego do terror. O autor ressalta que o stalinismo foi considerado como encarnação do poder totalitário, tornado possível pela presença de uma ideologia dogmática e de uma força de propaganda que tornava a figura do líder em algo até “carismático”, permitindo o controle e a manipulação dos centros burocráticos do país, e que de forma quase onipresente utilizava-se de sua força policial para a manutenção do sistema.

Assim, havia momentos em que o ódio de Winston não se dirigia contra Goldstein, mas, ao invés, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e nesses momentos o seu coração se aproximava do solitário e ridicularizado herege da tela, o único guardião da verdade e da sanidade num mundo de mentiras. (...) Nesses momentos, seu ódio secreto pelo Grande Irmão se transformava em adoração, e o grande Irmão parecia crescer, protetor destemido e invencível, firme com uma rocha contra as hordas da Ásia, e Goldstein, apesar do seu isolamento, sua fraqueza e da dúvida que cercava a sua própria existência, que lhe parecia um hipnotizador sinistro, capaz de destruir a estrutura da civilização pelo mero poder da voz (ORWELL, 1991, p. 18).

123

Ao retornarmos a análise do livro encontramos as várias formas, distribuídas ao longo do texto escrito por Orwell, no intuito de ligá-lo a estes governos totalitários.

Sofia Sampaio (2005), em sua análise sobre as obras de George Orwell, diz que a crítica tem sido unânime em considerar *A Revolução dos Bichos* e *1984* expoentes máximos da obra do autor inglês. A versão fabulada da Revolução Russa, bem como a história do sofrimento atroz de Winston Smith sob o braço de ferro do *Big Brother*, cedo ultrapassam a língua do seu autor, e adquirem reconhecimento internacional. Na medida em que retratam sociedades projetadas, ambas as obras são centrais para a compreensão das idéias de Orwell sobre a utopia.

A autora analisa no livro *1984* a projeção feita por Orwell para um futuro próximo (uns meros 35 anos em relação ao seu tempo) aos tumultuosos acontecimentos que afetaram a primeira metade do século vinte – da Revolução Russa ao fascismo, passando pelo nazismo e a Segunda Guerra Mundial. O romance retrata, de acordo com ela, uma sociedade completamente dominada por um estado-polícia autocrático. É neste cenário de extrema falta de esperança que encontramos o protagonista de trinta e nove anos, Winston Smith, um membro inteligente e trabalhador dos escalões inferiores do Partido, que decide revoltar-se contra o sistema (SAMPAIO, 2005, p. 67).

Loucura, Loucura, loucura! Tornou a pensar. Era inconcebível que pudessem frequentar aquele lugar por mais de algumas semanas SM serem descobertos. Mas a tentação de ter um esconderijo que fosse verdadeiramente deles (...) (ORWELL, 1991, p. 130).

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A

Evanir Pavloski (2005) em sua análise sobre a obra, diz que a construção da mesma, como já foi levantado por outros autores neste trabalho, dá-se a partir das experiências que Orwell vivenciou e dos conceitos derivados desses eventos, o que de certo modo transforma *1984* numa narrativa peculiar dentro das produções distópicas do século XX. Esse texto, de acordo com ele, poderia ter assumido um formato realista, e mesmo naturalista, pois catalisa o poder crítico da distopia justamente pelo vínculo que apresenta com a realidade empírica do autor. Ainda que estejam presentes elementos fantásticos e da ficção científica, o autor diz que Orwell constrói sua obra a partir de elementos do mundo experimental que de alguma forma o inquietaram ao longo de sua carreira. Essa proximidade entre vida e obra, realidade e ficção, ao invés de desmerecer a capacidade criativa do autor, potencializa o efeito da narrativa sobre o leitor, uma vez que reflete, por meio de um ponto de vista específico, as características do universo empírico.

Outro ponto levantado pelo autor é o efeito transformador proposto pelos distopistas que, neste caso, não constroem seus romances em bases fundadas no otimismo e no idílio social. Muitas das obras apresentam um espaço ficcional, caracterizado por ele, como a extrapolação dos aspectos negativos presentes nas sociedades. Dessa forma a distopia ou anti-utopia imprime suas críticas por meio do choque proporcionado pela criação de um verdadeiro pesadelo social.

O problema é o mesmo para os três super-estados. É absolutamente necessária, para sua estrutura, que não haja contato com estrangeiros, exceto, limitadamente, com prisioneiros de guerra e escravos de cor. Mesmo o aliado oficial de hoje é considerado com suspeita. Além dos prisioneiros de guerra, o cidadão médio da Oceania jamais põe os olhos num cidadão da Eurásia ou Letásia<sup>8</sup>, sendo-lhe proibido aprender línguas estrangeiras. Se lhe fosse permitido o contato com forasteiros, descobriria que são semelhantes e que é mentira a maior parte do que ouviu a respeito deles (ORWELL, 1991, p. 184)

Maria do Rosário Lupi Bello (2005) afirma que *1984* é uma narrativa política que se propõe a mostrar o mundo com uma nitidez violenta. Mais do que uma negra profecia, era como um alerta lúcido e generoso, na sua crueza perturbadora: porque aquilo de que Orwell falava era sobre um totalitarismo mais profundo do que qualquer sistema ideológico tenha conseguido implementar – embora alguns, por certo como o escritor bem sabia, bastante se tenham aproximado de uma tentativa de concretização social desse Poder enquanto tal... Mas o Poder que invade todos os cantos do terrível universo orwelliano não é estranho a nenhum de nós.

Remo Bodei (2004) nos lembra de outro fator interessante no que diz respeito ao lugar e ao universo de memória vivenciados pelo protagonista criado por Orwell, que se assemelham, como já foi dito neste trabalho, com situações reais dentro dos sistemas totalitários. A falsificação do passado foi aplicada, em grande escala, por esses regimes no nosso século. Segundo Bodei, a obra *1984* demonstra uma fórmula célebre: “quem controla o passado, controla também o presente e o futuro”. E entre as tarefas mais importantes do “Ministério da Verdade” encontra-se o cancelamento incessante e a reconstrução propagandística do passado, com base na vontade do Grande Irmão. Sob a ameaça de sanções terríveis, interiorizadas pela grande maioria, os cidadãos são levados a esquecer a “realidade” dos fatos e conformar-se com uma memória curta e direcionada, acabando assim por se auto-convencer de que a última “verdade” proclamada pelas autoridades é absolutamente idêntica à verdade oposta, declarada tacitamente nula.

8. Oceania, Eurásia e Letásia neste caso, remetem aos continentes criados pelo autor, em que as indicações de alianças e guerras mudam de acordo com as necessidades do Grande Irmão.

Não era verdade, por exemplo, como afirmavam os livros de história do Partido, que o Partido tivesse inventado o avião. Lembrava-se de aviões desde a mais tenra idade. Mas não podia provar nada. Nunca havia prova. Apenas uma vez, em toda sua vida, tinha tido em mãos prova documental inconfundível da falsificação de um fato histórico. E naquela ocasião... (ORWELL, 1991, p. 37).

Enfim, percebemos que tanto autor quanto protagonista sofrem da mesma derrota ideológica, vendo-se inclusos em um ambiente estranho, onde suas capacidades mentais fogem à regra de um todo quase que homogêneo. A submissão explicitada por Orwell, e vivenciada por seu protagonista, colocava à luz as angústias tanto pessoais quanto ao que o mundo viria a se tornar: o controle dos pensamentos, dos movimentos e até mesmo de suas paixões colocam autor e protagonista em uma linha tênue, restando apenas o total descrédito em uma mudança dos sistemas vigentes.

## CONCLUSÃO

Percebemos ao longo deste trabalho que tanto a história pessoal de Orwell, como a do protagonista de *1984*, Winston Smith, mantêm uma linha tênue entre realidade e ficção. O desenrolar do enredo é propositalmente desenvolvido pelo autor no intuito não somente de criticar os regimes totalitários já existentes, mas de também criar uma projeção nefasta para um futuro próximo, caso esses governos continuassem no poder. Para tanto, utilizamos Roger Chartier (1991) de forma deliberada para a devida apropriação literária necessária para analisar o livro de acordo com a leitura que cada leitor faz de uma determinada obra, levando-se em consideração o lugar atemporal da obra e os referenciais de tempo e lugar de cada leitor. Chartier (1991) nos lembra que os “paradigmas dominantes” que formaram, durante certo tempo, o estruturalismo ou o marxismo, tinham na rejeição proclamada das ideologias a garantia de sucesso (ou seja, a adesão a um modelo de transformação radical, socialista, diferente das sociedades ocidentais capitalistas e liberais).

Assim, ao propor objetos de estudo mantidos até então inteiramente estranhos a uma história dedicada por completo à exploração do econômico e do social, ao propor normas de cientificidade e modos de trabalho imitados das ciências exatas, o autor anteriormente citado questiona o papel do historiador e o papel de seus objetos, tanto quanto sua forma de análise e o lado tendencioso de se estudar apenas modelos que se enquadrem nas “necessidades” da sociedade.

Assim, procuramos na análise do romance a constante luta de forças existente na distopia de Orwell, que sempre colocou em cheque o processo evolutivo das sociedades, ou seja, a necessidade de se questionar as formas de governo adotadas em determinados regimes, neste caso, os ditos totalitários. Para tanto utilizamos a perspectiva de análise de Chartier, que por sua vez propõe em suas obras a apropriação literária da obra feita (de que cada leitor faz uma interpretação da obra a sua disposição). O trabalho aqui desenvolvido procurou seguir estas orientações, embasando-se em leituras pessoais e análises contemporâneas da obra para justificar seu ponto de vista, as sociedades marcadas por rígido controle sobre os indivíduos, sistematizada por Hannah Arendt, e evidenciada por Orwell em seu romance distópico.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

BARROS, J. D'. A. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 1, 2005.

BARROS, J. D'. A. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. 3. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

BELLO, M. R. L. Nineteen Eighty-Four: a história como palimpsesto ou a negação da memória como lugar do eu. In: VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Bastos (Org.). *George Orwell: perspectivas contemporâneas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G. *Dicionário de política*. 11. ed., v. 1, Brasília - DF: UNB, 1998.

BODEI, R. *Livro da memória e da esperança*. Bauru - SP: EDUSC, 2004.

BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2003.

126

CARDOSO JR., N. N. Considerações a respeito da atualidade do conceito de totalitarismo em Hannah Arendt. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília a. 40 n. 159, jul/set 2003.

CARNEIRO, L., CORRÊA, R. L. T. Totalitarismo, moral e educação: interconexões (im) possíveis?. *Revista Histedbr*, Campinas - SP, n. 31, set/2008.

CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. A. de M. Apresentação In: *A História contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, R. *Cultura Escrita, Literatura e História - conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHARTIER, R. O Mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, Jan./Abr., 1991.

COUTINHO, A. Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília - DF*, v. 1, n. 1, ano. I, fev./2008.

FIGUEIREDO, C. D. Livros, Indústria Cultural e Distopias. IN: *II Encontro da ULEPICC - União latino Americana de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, Bauru - SP, 2008.

FIGUEIREDO, C. D. Da Utopia à Distopia: Política e Liberdade. *Eutomia*, Ano II, v.1, Olinda - PE, jul/2009.

GOMES, A. S. Linguagem e História: a manipulação do passado através da palavra em 1984, de George Orwell. In: *VIII Congresso Nacional de Lingüística e Filologia*, Rio de Janeiro, v. 7, 2004.

HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos – o Breve Século XX 1914-1991*. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTINS, A. A. P. A Resistência à (Des-) ordem do Mundo ou a Dimensão Ético-Política da Escrita de George Orwell. *Máthesis*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 13, 2004.

MELO, M. G. A. As formas Totalitárias na Análise Política de Hannah Arendt. *Política Hoje*, v. 1, n. 13, 2003.

NASCIMENTO, P. C. Resumo de tese: Ideologia e Totalitarismo, um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. *O Que Nos Faz Pensar*, n. 1, PUC – Rio jun/1989.

ORWELL, G. 1984. 22. ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.

ORWELL, G. *A Revolução dos Bichos*. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

PAVLOSKI, E. 1984 – *A distopia do indivíduo sob controle*. Curitiba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, 2005.

PINTO, M. C. Prefácio. In: BRADBURY, R. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Globo, 2003.

SAMPAIO, S. Recordando Animal Farm e Nineteen Eighty-Four: Notas sobre o Anti-utopismo de George Orwell. In: VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Bastos (Org.). *George Orwell: perspectivas contemporâneas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

SILVA, A. O. Os Dilemas do Intelectual Militante de Esquerda. *Espaço Acadêmico*, São Paulo, v. 3, n. 26, jul. 2003. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol\\_orwell.htm](http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol_orwell.htm)>. Acesso em: 4 de setembro de 2010.

SILVA, M. Y. R. Distopias: Presságios de Um Futuro Nefasto. *Estudos do Futuro*, São Paulo v. 1, n. 1, fev. 2007. Disponível em: <<http://www.nef.org.br/revista>>. Acesso em: 5 de maio 2010.

SOUKI, N. Hannah Arendt e o paradigma do anti-Estado. IN: AGUIAR, O. A.... [et al.] (org.). *Origens do Totalitarismo: 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará;

Fortaleza, CE: Secretária da Cultura e Desporto, 2001.

Teixeira, M. S. Biorwellgrafia, uma biografia de George Orwell. *Duplipensar.net*. Disponível em: <<http://www.duplipensar.net/george-orwell/george-orwell-biografia.html>>. Acesso em: 04 de novembro de 2010.

VIEIRA, F. e SILVA, J. B. *100 Anos de George Orwell*. In: VIEIRA, Fátima; SILVA, Jorge Bastos (Org.). *George Orwell: perspectivas contemporâneas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

VOGOT, O. P. A Revolução Russa Através da Revolução dos Bichos. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 229-249, jan./jun. 2007.